

Espaço, verde e energia já criam novas cabeças

CARMEN CRUZ

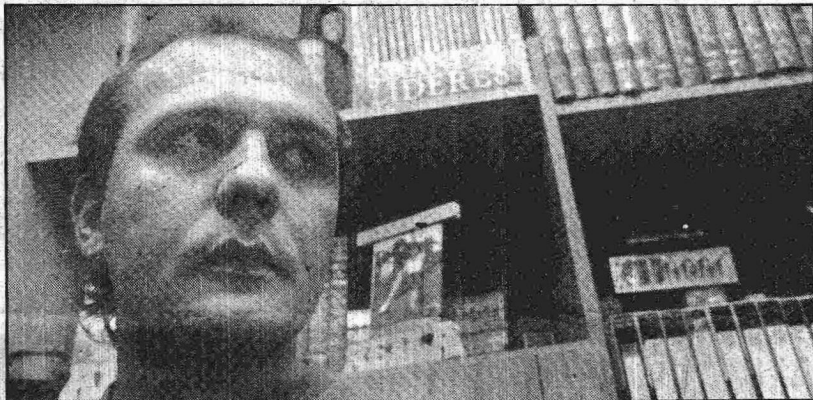
Com desprendimento solene, sem amarras. É assim que o brasileiro explora essa vastidão de cidade, cuja concepção espacial o torna, às vezes, mais introspectivo e reflexivo. Em outras, Brasília e seus setores, suas distâncias, espalham pelos cantos os fantasmas da solidão. Nos últimos anos, entretanto, as esperas pelos feriados, que podem significar a fuga para o litoral, já não são tão angustiantes porque, aos poucos, a beleza selvagem da cidade, cercada por cachoeiras, vai sendo descoberta.

Criada para abrigar 500 mil pessoas, Brasília chega aos 30 anos de idade com 1 milhão 832 mil habitantes, dos quais, cerca de 600 mil nascidos no Plano Piloto ou nas cidades-satélites. A segunda geração-Brasília já corre por aí, pelos parques, com um carga maior de liberdade, de leveza. Segundo o historiador Almir Diniz de Carvalho, estudioso do comportamento do brasileiro, aqui há espaço bastante para que as crianças criem mais, principalmente na periferia, e estas experiências auxiliam o desenvolvimento da personalidade. Com isso, as novas gerações poderão ter uma relação com a cidade bem mais saudável que as primeiras.

IDENTIDADE

As grandes distâncias e a setorização dos serviços não são específicas da cidade, contudo, somados a isso o lazer escasso e a abundância de verde, o brasileiro que busca uma identidade própria certamente será levado a uma interiorização. Esse misto de urbano e campo, para Almir Carvalho, vai colocar o habitante diante do isolamento, que pode

IVALDO CAVALCANTE



Almir Diniz de Carvalho, um atento pesquisador do comportamento brasileiro

ser apaixonante para uns e preocupante para outros. Por este aspecto, a socialização em Brasília se dá com dificuldade, acredita o historiador.

Estas considerações fazem do isolamento uma faca de dois gumes, auxiliando o homem na busca interior ou levando ao tédio. Segundo o sociólogo João Gabriel Teixeira, baiano de Salvador apaixonado por Brasília, quem aqui não consegue viajar no espaço, no ar puro e na luz que inunda a cidade pode ir embora. A mesma Brasília, para ele, representa a oportunidade do uso racional do tempo, do respeito à privacidade. "Miséria? A miséria aqui não é tão grande quanto nos outros centros urbanos", diz João Teixeira, ressaltando que do seu ponto de vista tanto o Plano Piloto quanto as cidades-satélites favorecem a uma vida saudável.

Esse respeito pela individualidade do outro é, para Almir Carvalho, o lado positivo na relação do homem com a cidade, entretanto, essa mesma relação pode provocar o egoísmo exacerbado, com as pessoas se fechando em

pequenos grupos, impenetráveis. A psicóloga do Instituto Brasileiro de Informações em Ciência e Tecnologia (Ibiot), Adir Bezerra da Costa, garante que a inviolabilidade de alguns desses grupos representa uma grande barreira para os jovens brasileiros.

"O medo de entrar nestes pequenos grupos e ser rejeitado provoca muitas ansiedades. A cidade, sem muitos atrativos, favorece apenas ao lazer de classes privilegiadas. Muitos são os que não podem pagar para ir a uma feira ou a um cinema. Vão se sentindo inferiores, mais pobres, infelizes e se afastam", justifica a psicóloga.

Mas o brasileiro está próximo do poder central e isso, aliado à qualidade de ensino de suas escolas públicas em relação a outros estados, é, segundo o historiador Almir Carvalho, responsável por uma maior conscientização política. "Apesar de não haver aqui um proletariado forte, o brasileiro privilegiado, que tem acesso à informação, tem demonstrado uma grande conscientização", lembra Almir.